

**GALLOWAY LATAM BONDS BRL FIM CP IE – Março 2025**

Em março, o Comitê Federal de Mercado Aberto (FOMC) decidiu manter as taxas de juros no intervalo de 4,25% a 4,50%, citando incertezas econômicas, especialmente o impacto das novas políticas tarifárias do presidente Trump. Embora a medida tenha como objetivo corrigir os desequilíbrios comerciais, ela gerou preocupações sobre pressões inflacionárias e uma possível desaceleração econômica. Os indicadores econômicos do mês sinalizaram indícios iniciais de estagflação, já que o índice de Gastos de Consumo Pessoal (PCE) básico aumentou 0,4% em fevereiro, enquanto os gastos dos consumidores desaceleraram consideravelmente. Além disso, as projeções do PIB indicaram uma possível contração, já que as empresas aceleraram as importações antes do aumento das tarifas. Esses desenvolvimentos contribuíram para um sentimento geral de aversão ao risco, levando investidores a buscar segurança nos Títulos do Tesouro dos EUA, o que fez as taxas de rendimento caírem. O rendimento do Tesouro Americano de 10 anos, que atingiu o pico de 4,36% durante o mês encerrou março em 4,14%, refletindo as crescentes preocupações com as condições econômicas. Enquanto isso, nosso fundo teve um retorno positivo de **0,21%** em março, o que equivale a **22%** do CDI.

A Colômbia enfrentou eventos políticos e econômicos marcantes. O Banco Central manteve a taxa de juros em 9,5%, contrariando as expectativas do mercado, que esperava um corte. A decisão, aprovada por uma votação apertada de 4 a 3, reflete preocupações persistentes com a inflação e a estabilidade fiscal. Apesar disso, a inflação desacelerou para 5,3% no mês, ainda acima da meta de 3% da autoridade monetária. No cenário fiscal, Javier Cuéllar assumiu como novo diretor de Crédito Público, substituindo José Roberto Acosta. Com uma trajetória técnica e experiência internacional, Cuéllar é visto pelo mercado como um nome mais confiável e capacitado para restaurar a credibilidade fiscal do país. Ele já demonstrou disposição para dialogar com investidores e promover maior previsibilidade nas políticas de financiamento. No campo político, a vice-presidente Francia Márquez enfrentou sua pior crise até o momento. Além de ser destituída do cargo de Ministra da Igualdade pelo presidente Gustavo Petro, seu partido, *Soy Porque Somos*, perdeu o registro legal, aprofundando as tensões dentro do governo. Mantemos nossa exposição aos *bonds* corporativos colombianos, pois são ativos de alta qualidade de crédito. Seguimos monitorando de perto o mercado para avaliar possíveis ajustes estratégicos.

Como esperado, o Banco Central do Brasil aumentou a taxa Selic em 100 pontos-base para 14,25%, citando a inflação persistente e as incertezas globais. A ata do Copom sugeriu que a política monetária permanecerá restritiva por um período prolongado, embora os futuros aumentos possam ser menores. Apesar dessas medidas, o Banco Central revisou sua previsão de crescimento do PIB para 2025 para 1,9%, refletindo condições financeiras mais apertadas e riscos externos. No entanto, há sinais de resiliência. A Ministra do Planejamento e Orçamento, Simone Tebet, enfatizou que, se a disciplina fiscal for mantida, haverá espaço para cortes na taxa de juros no segundo



semestre do ano, o que poderia apoiar a recuperação econômica. Os mercados reagiram positivamente, com o índice Ibovespa subindo 6% em março e o real brasileiro se estabilizando. Se a inflação diminuir e as reformas econômicas avançarem, o Brasil poderá recuperar um impulso de crescimento mais forte, posicionando-se favoravelmente na economia global.

Nosso portfólio de bonds possui uma classificação de crédito média de **BB**, equivalente ao risco soberano brasileiro no exterior, um yield to worst de **8,5%** em dólar, o que equivale a **CDI + 3,1%** e um duration de **4,1 anos**.